



Ilustrações: Foto Adobe Stock adaptada
Vetores Adobe Stock adaptados

Relatos de Imigração - Baobá

Vinícius Gomes: Prof. de História

Alline Menezes: Prof^a. de Inglês

EMEF Prof. Adolpho Otto de Laet - DRE Jaçanã/Tremembé



RESUMO

O presente texto tem como objetivo relatar ações realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Adolpho Otto de Laet, durante o ano letivo de 2022. Tais ações estão fundamentadas dentro de uma perspectiva de ações antirracistas, construídas por meio de aspectos teóricos e metodológicos replicados e debatidos entre os estudantes.

Na primeira etapa deste texto, faremos uma breve introdução aos indicadores fornecidos pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB e à cultura da Unidade Educacional. Na segunda etapa, apresentaremos uma fundamentação teórico-metodológica utilizada no planejamento e na implementação deste projeto e, por fim, apresentaremos as ações com os estudantes e os resultados parciais do projeto.

Palavras-chave: educação, relações étnico-raciais, imigração, escola.

Introdução

O presente relato de experiência foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Adolpho Otto de Laet, durante o primeiro semestre de 2022. Temos como objetivo descrever como se deu o processo de planejamento, desenvolvimento e avaliação de dois projetos que se desenvolveram paralelamente com os alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, pelos professores Alline Menezes e Vinícius Gomes.

O projeto “Relatos de Imigração”¹ está em sua fase inicial e tem como objetivo principal abordar temáticas que relacionam ondas migratórias, marcas sociais e culturais na formulação da identidade e memória

sociais. Essa relação só é possível quando partimos da temática dos povos da África que foram trazidos e, de maneira violenta e contínua, escravizados em nosso país.

Sendo assim, entendemos que as ondas imigratórias que direcionaram nossos debates durante as aulas são consequências de uma ação do Estado, promovendo processos de imigração em nosso país.

Portanto, em sua primeira etapa, o projeto tem como foco identificar e registrar heranças e raízes de comunidades africanas, bem como a conceituação de racismo estrutural e poder no Brasil.

1. Contexto e Cultura Escolar

Neste tópico, iremos fazer uma breve contextualização da EMEF Prof. Adolpho Otto de Laet, que está inserida no bairro do Mandaqui, na macro região norte de São Paulo. Para esta contextualização, abordaremos aspectos resultantes Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, realizado no ano de 2019, além de aspectos

relacionados à infraestrutura predial, tecnológica e dados do Censo Escolar 2020.

Os dados coletados pelo SAEB, em 2019, avaliaram estudantes nos anos finais dos Ciclos Interdisciplinar e Autoral, estabelecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo².

Os resultados da Unidade em Língua Portuguesa apontam uma proficiência de

1 O material Orientações Pedagógicas: Povos Migrantes, que integra a coleção dos documentos do Currículo da Cidade, publicado em 2021, não havia sido estudado pelos autores do texto à época da construção do artigo. Embora a recomendação seja o uso dos termos migrantes e migrantes internacionais, nesse texto é utilizado imigrantes e imigração, que embora menos indicadas não estão erradas.

2 O Currículo da Cidade de São Paulo estabelece como subdivisão os ciclos: de Alfabetização, que compreende os três primeiros anos (1º, 2º e 3º), o Interdisciplinar, que envolve os três anos seguintes (4º, 5º e 6º) e o Autoral, que abarca os três anos finais (7º, 8º e 9º) (SÃO PAULO, 2017).

79% das turmas do 5º ano e 58% em Matemática no mesmo ano. Entretanto, quando observados os resultados do 9º ano, os dados em Língua Portuguesa ficam em 45% de proficiência, enquanto em Matemática o indicador aponta 22%³.

É fundamental observar duas condicionantes. Em primeiro lugar, os dados são representações estáticas referenciadas no marco temporal de 2019, ou seja, até o momento da escrita deste trabalho, não foi possível observar os dados sob os efeitos pandêmicos. Em segundo lugar, é fundamental apontar que houve uma melhora significativa no comparativo com os dados dos anos de 2015 e 2017 no 5º ano e com os dados de 2017 no 9º ano.

Por fim, é importante destacar que os resultados obtidos com os estudantes do 5º ano estão melhores que a média das escolas do Estado de São Paulo. No que se refere aos anos finais do Ciclo Autoral, os resultados estão na média apresentada pelas demais escolas do Estado de São Paulo.

Outros aspectos estatísticos relevantes também aparecem na pesquisa: 12% das mães de estudantes do 5º ano estudaram até o Ensino Superior, quando pesquisado no 9º ano, essa estatística sobe para 30%. Essa diferença também está presente quando observado o critério de “conversar sobre o que acontece na escola”, 35% dos pais dos estudantes do 5º ano tinham esse hábito, enquanto no 9º ano, 41% dos estudantes relataram esse tipo de conversa⁴.

No que diz respeito aos Indicadores de Qualidade dos Anos Iniciais, a escola atinge 6,6 e 5,2 nos indicadores dos Anos Finais, segundo dados do Ideb⁵ de 2019.

No ano atual⁶, a escola apresenta um total de 405 estudantes matriculados na modalidade de Ensino Regular, tendo 14 turmas, sendo seis turmas de Ensino Fundamental I e oito turmas de Ensino Fundamental II.

Em relação à infraestrutura, a escola conta com rampas de acessibilidade; alimentação; água; salas grandes; equipamentos, como projetores, computadores; duas quadras para práticas de esportes; amplo refeitório e sala de leitura. Recentemente, os professores receberam notebooks, que contam com acesso regular e satisfatório à internet.

O corpo docente é formado por trinta e cinco professores, em sua maioria concursados e poucos contratados. Entretanto, apenas 38% completam sua jornada de trabalho com formação especial - JEIF. Um número considerável de professores complementa suas atividades profissionais em outra Unidade Educacional. Esses dois últimos aspectos dificultam a atuação compartilhada ou a organização de grupos de trabalhos para projetos interdisciplinares.

A equipe gestora da escola trabalha em conjunto e conta com os cargos de Coordenação Pedagógica, Assistente de Direção e Diretora, que compartilham horários e locais próximos aos dos professores.



3 Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/35053764-emef-adolpho-otto-de-laet-prof/> Acesso em: 26 jul. 2022.

4 Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/35053764-emef-adolpho-otto-de-laet-prof/> Acesso em: 26 jul. 2022.

5 Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/35053764-emef-adolpho-otto-de-laet-prof/> Acesso em: 26 jul. 2022.

6 2022.

2. Raça e Educação Étnico-Racial na escola

A educação em uma perspectiva antirracista é uma temática fundamental no que diz respeito aos aspectos legais, políticos e pedagógicos. Entretanto, não existe um processo de incorporação desses marcos legais na EMEF Prof. Adolpho Otto de Laet. O presente relato é de um projeto que nasceu da observação do corpo docente e também de debates em JEIF, e que, apesar da não incorporação na cultura escolar ou no Projeto Político-Pedagógico - PPP, estava presente nas atuações de alguns professores de forma individual.

Quando nos referimos à ausência dessa temática, é importante ressaltar dois aspectos. O primeiro diz respeito à constatação explícita deste fato, que pode ser feita pela análise e observação do Projeto Político-Pedagógico vigente no ano de 2022. O segundo consta em uma observação empírica comportamental dos alunos.

O PPP da referida EMEF conta com uma versão atualizada e disponibilizada tanto fisicamente quanto virtualmente. Nele, encontramos uma estrutura formada em cinco capítulos, sendo eles:

1. Identificação da Unidade;
2. Histórico;
3. Texto Introdutório, Marco Referencial (princípios e concepções);
4. Proposta Curricular;
5. Articulação da Gestão da Unidade Escolar com os Órgãos Auxiliares: Conselho de Escola, Associação de Pais e Mestres - APM e Grêmios Estudantil.

O processo de construção deste documento se dá por meio de uma atualização constante protagonizada pela equipe gestora da EMEF, entretanto não foram encontradas ações previstas na educação sob a

perspectiva das relações étnico-raciais ou medidas preventivas de combate ao racismo e à intolerância racial.

É fundamental observar que mesmo não sendo encontrados tais marcos legais neste documento fulcral, não significa que os professores não trabalhem ou não exista esse debate em formações continuadas.

Essa constatação explícita tem sua forma implícita no segundo aspecto. A observação da natureza dos termos pejorativos utilizados pelos estudantes para tratarem entre si durante os momentos em que estão na escola, como intervalos, trocas de aulas e, principalmente, em situação de conflito, nos mostra implicitamente o véu do racismo presente nas situações conflituosas, vexatórias e agressivas. Infelizmente, tal constatação carece de levantamentos e metodologia de análise específica para se configurar além da observação empírica.

Isto posto, avaliamos que o presente projeto versa com essa necessidade identificada, uma vez que tem como objetivos trabalhar a Educação sob uma perspectiva Étnico-Racial, estabelecendo então uma identificação afro-brasileira, sendo assim “a identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural” (GOMES, 2005, p. 43).

Optamos pela utilização da terminologia negro/negra, sob a perspectiva sociocultural, em que temos como ponto fulcral a desconstrução da concepção pejorativa por meio da resignificação da presente terminologia.

Entendemos que a terminologia não está ligada apenas a uma opção metodológica, mas sim à construção de um sistema de operação complexo no processo de interação dos atores sociais, pois as categorias (de cor e raça) compõem um sistema e esta

operação se processa num contexto de interação social (ARAÚJO, 1987).

Identificamos o racismo na escola por meio de:

Aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2005, p. 45).

Tais aspectos estão relacionados a uma forma única, tipicamente latino-americana de racismo que “não está propriamente ligado ao conceito biológico, ele faz parte de um racismo novo que se alimenta da noção de etnia definida como grupo cultural, categoria que constitui um léxico mais aceitável que a raça (falar politicamente)” (MUNANGA, 2000, p. 27).

Sendo assim, pensamos que tal termo se estende às dimensões legais, culturais, sociais, sobretudo, de resistência política e educacional. No que diz respeito a dimensões legais, nos amparamos na Lei nº 10.639/2003⁷, que estabelece como obrigatório o ensino de temáticas transversais de História da África e da Cultura Afro-Brasileira.

Citamos também a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, bem como o Currículo da Cidade de São Paulo que, ao estabelecer as “Referências que Orientam a Matriz de Saberes”, coloca como definição de princípio ético: “combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação” (SÃO PAULO, 2017).

Cultural e socialmente falando, o racismo escolar reflete uma estrutura de atraso institucional em uma perspectiva progressista, mas faz parte de uma normalidade de funcionamento sistemático da estrutura estatal brasileira. Portanto:

Esta incômoda normalidade está devidamente registrada em pesquisas como a de

Marília Carvalho (2005) que aponta para um fenômeno de branqueamento dos alunos. Assim como outros trabalhos como o estudo da representação do negro em livros didáticos e paradidáticos de Bonfim, Jesus e Feliz (2019), que apontam para “ações que naturalizam discursos e outras práticas que não estão de acordo com as Diretrizes para uma Educação das Relações Étnico-raciais em nosso país (BONFIM et al., 2019, p. 68).

No que diz respeito às resistências política e educacional, partimos de dois pilares: educação sob a perspectiva das relações étnico-raciais é uma conquista histórica e socialmente construída e fruto de uma luta de movimentos sociais organizados e articulados;

- a escolha por essa perspectiva é de fato política e não apenas metodológica.

Entendemos que “promover ações afirmativas tem a intencionalidade de alterar determinadas estruturas básicas da sociedade” (GOMES, 2021, p. 85). Sendo assim, ao escolhermos essa temática como direcionadora de projetos interdisciplinares, levamos em consideração a luta organizada de movimentos sociais que se estendem para além das questões internas da Escola Pública no Brasil.

Por fim, ressaltamos que a escolha por essa temática não é apenas metodológica, mas especialmente política, sob a ideia de que “o futuro deve ser construção constante do homem existente. Essa edificação deve se vincular ao presente, na medida em que o considero algo a ser superado” (FANON, 2020, p. 27).

Há pouco mais de cem anos, no Brasil, existia uma determinada normalidade intelectual que se apoiava em ideias higienistas, iluministas, mas principalmente darwinistas sociais. Autores como Sílvio Romero, que inaugura a concepção racial formada por negros, brancos e indígenas; Nina Rodrigues, com sua obra

7 Outros documentos orientadores também nos servem como respaldo, por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Cap. II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, art. 16, incisos III - “crença e culto religioso” e V - “participar da vida familiar e comunitária sem discriminação”.

“As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”, na qual estabelece negros e indígenas como classes inferiores, entre outros, cravam na história e na ci-

ência brasileira as garras estruturais do racismo, escancarando assim a urgência e a necessidade de uma educação antirracista de prática.

2. Relatos de Imigração

Tais perspectivas levantadas anteriormente nos levam para uma nova reflexão, a luta antirracista se limita ao trabalho de ressignificação do negro(a) no espaço da escola pública em que trabalhamos?

É neste contexto que nossa práxis permite a expansão desses marcos teóricos e territoriais sob a perspectiva de que “estamos também entrando no novo milênio com a nova forma de racismo: o racismo construído com base nas diferenças culturais e identitárias” (MUNANGA, 2000, p. 27), logo, a escola pública necessariamente precisa compreender as transformações dessas superestruturas e oferecer as bases

para o combate de ideias xenófobas, preconceituosas e fundamentalmente racistas.

Portanto, no presente momento, este relato limita-se a um tipo específico de racismo descrito anteriormente e alvo da primeira etapa. Chamamos essa etapa carinhosamente de “Baobá”, tendo em vista a representatividade dessa árvore para as comunidades e a identidade com o povo da África.

O projeto pretende abranger a visibilidade nos espaços públicos da escola para grupos, como bolivianos, indígenas, peruanos, haitianos, entre tantos outros que formam a rede pública paulistana de ensino.

3. O projeto - Etapa 1

O ponto de partida que nos levou à inquietação para o desenvolvimento do presente projeto foram alguns projetos ocorridos - e amplamente compartilhados - no contexto político nacional, com pronunciamentos de falas racistas por parte de algumas autoridades, no ano de 2022.

Em uma dessas situações, um parlamentar comenta com seu colega de Câmara, que “não lavarem a calçada é coisa de preto, né?” Os motivos que o levaram a se sentir tão confortável a declarar tais palavras foram tomados como

o início da estruturação do projeto que se deu nas seguintes etapas:

Debate com os estudantes Semana 1, de 16 a 23/05/2022:

Discussão da fala do parlamentar com os estudantes durante as aulas de história; perguntas feitas aos estudantes na roda de conversa, tais como:

“Por quais motivos você acha que o parlamentar não se sentiu envergonhado ao falar isso?”

“Você acredita que colegas seus, em sala de aula, seriam capazes de falar coisas parecidas?”

“Você já presenciou colegas usando termos parecidos para falar com alguém que é negro/negra?”

Após as respostas dos estudantes, encaminhamos o debate sobre a temática da normalização do “racismo estrutural” e como estamos inseridos nele. Para sensibilização da temática, iniciamos uma discussão em relação à estética negra e aos espaços de representação por meio do curta-metragem *Hair Love*⁸. Por fim, foram apresentados dados estatísticos relacionados ao encarceramento, trabalho e acesso e permanência na escola sob a perspectiva do racismo estrutural.

Em um terceiro momento, os debates foram encaminhados para a temática da comemoração da semana da imigração no Brasil, celebrado dos dias 21 a 27/06 no calendário da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e do porquê não termos referencial de negros que foram escravizados e trazidos ao país dentro do contexto imigratório, como no caso do Museu da Imigração. Como perguntas norteadoras para o enriquecimento da discussão, levantar “O que seria um migrante? Para eles, qual a diferença entre “escravização” e “migração”? Você identificou a ausência de algum grupo étnico nas comemorações da semana de imigração?”

O inglês sob uma perspectiva Étnico-Racial

Semana 2, de 23 a 30/05/2022

Durante as aulas de Língua Inglesa, foi trabalhado vocabulário relacionado ao contexto do debate sobre os migrantes,

tais como “refúgio”, “cultura”, “equidade”, “sociedade”, etc., mobilizando os conhecimentos prévios acerca das situações já trabalhadas em anos anteriores, visto que o assunto é tema, inclusive, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, Agenda 2030. Questionamos:

“O que os estudantes imaginaram ao ler tais palavras?”

“Como poderiam se apoderar delas e torná-las parte de seu repertório, de suas vidas?”

Após essa aproximação, foi solicitado que os estudantes escrevessem os termos debatidos e selecionados durante as aulas anteriores e estilizassem em pedaços de papel, relacionando o termo à forma. Essas palavras tornaram-se parte de uma instalação temporária no pátio, para apreciação coletiva.

Debate em campo

Semana 3, de 30/05 a 06/06/2022

Após a sensibilização, o debate e a atividade, os estudantes participantes do projeto fizeram uma visita ao Museu da Imigração de São Paulo, situado na Mooca, para que pudessem entender mais sobre a complexidade da diferenciação de tratamento entre o imigrante europeu, majoritariamente os italianos, e os africanos escravizados.

Durante o retorno à escola, os estudantes preencheram um questionário contendo perguntas, tais como:

“Qual relação vocês conseguem fazer entre o que foi debatido em sala e o que é experienciado no museu a respeito desses migrantes?”

“A história da sua família está representada em alguma das instalações do museu?”

8 “Hair Love é um curta-metragem que acompanha a história de um homem que precisa pentear os cabelos da filha Zuri, de sete anos, pela primeira vez. A menina tenta pentear sozinha enquanto assiste a um vídeo de instruções e, por isso, o pai resolve ajudá-la”. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-272865/#:~:text=Hair%20Love%20%C3%A9%20um%20curta,o%20pai%20resolve%20ajud%C3%A1%-2Dla>. Acesso em: 28 jul. 2022.

“Você identificou a ausência de algum grupo étnico específico?”

Dentre as respostas relacionadas, especificamente a essa última pergunta, podemos destacar as seguintes: “sim, vi (sic) a ausência de povos indígenas e nordestinos” (T, 8ºB), “sim, indígenas, africanos e negros” (B, 9ºA), “sim, os indígenas e os nordestinos não esperava (sic) tanto, mas senti que precisava aparecer” (J, 8ºB).

Após a leitura das respostas, percebemos que existia a necessidade de voltar ao debate com a temática imigração e escravidão, nosso objetivo era diferenciar esses processos históricos. As respostas e percepções serviram como fomento para o enriquecimento do debate.

Personificação Antirracista **Semana 4, de 06/06 a 13/06/2022**

Na semana posterior, iniciamos uma conversa coletiva sobre a importância de levarmos cada vez mais o debate antirracista para nossas vidas, nosso dia

a dia. Ao fim, perguntamos “Quem são os negros e negras que você admira na sociedade?”.

“Quais são as realizações dessas pessoas que fizeram com que você a(o) admirasse?”

Oferecemos uma lista de personalidades públicas negras, dentre elas cantores, políticos, escritores, esportistas e intelectuais, para que pudessem realizar pesquisas sobre suas vidas, suas contribuições sociais, com o objetivo de ampliação do debate.

Foi designado um momento da semana para que ocorresse a finalização da instalação do projeto. Nessa ocasião, os estudantes dividiram-se para criar um mural de tais personalidades.

Para facilitar a socialização do conhecimento adquirido, disponibilizamos as pesquisas dos alunos por meio de QR Code, a exposição foi instalada em um local de grande circulação, tanto de estudantes como de familiares e professores.



Conclusão

O Projeto descrito teve como ponto de partida a avaliação docente que identificou a necessidade de abordarmos temáticas acerca das relações étnico-raciais. Para isso, utilizamos como ferramenta teórica argumentativa a construção conjunta de conceitos basilares, além do processo histórico que estabelece um elo entre o fim da escravidão e a imigração em nosso país.

Partindo de uma análise estrutural da comunidade escolar, bem como dos estudantes, foi identificada a possibilidade de articulação temática e parcerias que foram descritas neste relato.

Foi perceptível que existe a necessidade de trazer para a sala de aula essas temáticas,

uma vez que boa parte dos alunos expressaram opiniões baseadas em suas experiências virtuais e no ambiente escolar.

Outro aspecto fundamental foi a escolha de promover o projeto de forma interdisciplinar. Assim, as temáticas tinham além de fundamentação e sustentação teórica, uma estética característica e que teve como consequência a possibilidade de diferentes abordagens.

Por fim, é importante destacar a constante necessidade de repensar o projeto em suas aplicações. Foi preciso reavaliar conforme íamos recebendo as devolutivas dos alunos e verificando os resultados.

Referências

ARAÚJO, T. C. N. A classificação de “cor” nas pesquisas do IBGE: notas para uma discussão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 14-16, 1987.

BONFIM, M. A. L.; JESUS, F. S. de; FELIX, C. de O. A representação do negro em livros didático e paradidático: uma análise de discurso crítica de estereótipos raciais. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 54-71, set./dez. 2019.

BRASIL. [Estatuto da Criança e do Adolescente]. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GOMES, Vinícius Felipe. Protagonismo negro e a educação no Brasil. **Revista Ocupação Maí**, São Paulo, p. 79-89, 2021.



MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: BRANDÃO, A. A. (org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUF, 2000. p. 15-33.

QEDU [QEdu]. **Use dados**: transforme a educação. c2023. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/35053764-emef-adolpho-otto-de-laet-prof/> Acesso em: 27 jun. 2022.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: História**. São Paulo: SME/COPED, 2017.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Digital da Cidade de São Paulo**. São Paulo: SME/COPED, Disponível em: <https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/ods> Acesso em: 22 jul. 2022.